

Muitas histórias pra se contar

Bons personagens e história não faltam em Alto Paraíso. É só parar um pouquinho e ter a paciência de ouvir o caboclo dos licores, a parteira Flor ou a terceira mulher do galanteador fazendeiro. “Ele era lindo demais”, garante a viúva, Leoni Saraiva Bernardes, 60 anos. Ela tinha 24 anos quando se casou com o galanteador, de nome importante na região. Foi em 1963 e João Bernardes Rabelo tinha 1964.

A Fazenda Campo do Meio, tocada por dona Leoni, fica a 10 quilômetros de Alto Paraíso. No barracão de vigas empenadas e telhas enegrecidas pela fumaça do fogão de lenha, vestígios da antiga riqueza do lugar. O degraú que a mulher, que faz até hoje farinha de mandioca de forma artesanal, é uma das pedras redondas do moinho que, há muitos anos, três pessoas precisavam manusear para triturar a produção de trigo da região.

“A região de Alto Paraíso já foi grande produtora de trigo, de 1780 a 1950”, conta o historiador

Lula. “Em 1860, os grãos chegaram a ganhar prêmio internacional de qualidade”, continua. Os carnavalescos ouvem pacientemente. Tiram foto. “Essas pedras do moinho deviam estar em um museu”, acaba se convencendo um deles.

A fazendeira, que só faz comida no fogão de lenha e assa biscoito em uma fornalha construída em 1907, não quer saber de nada disso. Só pensa em vender as duas pedras do antigo moinho e “caiar” a casa — pintá-la de branco. “Nunca pensei que essas pedras um dia iam ter valor. Para mim, era só uma pedra”, diz a mulher que nos tempos de menina cansou-se de colher trigo. “Agora acabou tudo. É mais barato comprar no mercado.”

Além da fazendeira e da história do moinho, a Beija-Flor pode levar para a avenida as histórias das folias de reis e dos licorês exóticos inventados por seu Waldomiro, que mora num rancho a caminho do povoado de São Jorge. O caboclo de 58 anos é um

boêmio confesso das antigas folias de reis. Num época, em que o costume folclórico de peregrinar pelas fazendas e pedir pouso, era uma representação rígida das andanças de Cristo e dos 12 apóstolos.

“Namorar era proibido e quem se atrevia tinha de pagar multa e podia ser até expulso da folia”, conta o mesmo homem, que se gaba de ser exímio dançarino de catira — dança típica que se resume em batidas fortes dos pés, em passos apressados. Não fosse o bastante, ainda há a figura da parteira Florentina Pereira Santos, 62, a Dona Flor.

Mãe de 18 filhos, que teve sozinho, é ela quem até hoje faz pré-natal e os partos das mulheres do Povoado do Moinho, onde há cinco anos não tem médico no posto de saúde e nem ônibus para levar os 200 moradores até a cidade de Alto Paraíso, distante 12 quilômetros. “Tem um mercado para a última semana deste mês”, diz ela, toda satisfeita. Até agora, foram 195. (Rovênia Amorim)